



GT 74. Religiões de matriz africana e seus modos de convivência: caboclos, orixás e outras entidades

Coordenador(es):

Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Tempos, Histórias e Registros

Debatedor/a: Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 2 - Vínculos e obrigações

Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 3 - Modos de Convivência

Debatedor/a: Luciana Duccini (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A proposta deste Grupo de Trabalho é investigar os modos de se relacionar com e entre as entidades presentes nas diversas modalidades de religiões de matriz africana, tanto no Brasil quanto em outros países da diáspora africana. Assim, pretende dar ênfase não somente às análises das manifestações religiosas em si, mas aos estudos voltados para as formas como vínculos são aí construídos e mantidos. Tendo como questão chave o debate em torno das dimensões ético-políticas das formas de convivência cultivadas nessas religiões, o GT está aberto para trabalhos que tratem dos procedimentos e conceitos que participam dos processos de construção de vínculos, que discutam as diferentes temporalidades e espacialidades em jogo nesses processos e/ou explorem como os vínculos com as entidades são mobilizados e testados em situações de encontro com outras formas de prática.

Fluxos e confluências de um terreiro Omolokô em Juiz de Fora/ MG

Autoria: Kelly Araújo Rabello (CAPES)

Os cultos afro-brasileiros se estabelecem a partir de arranjos complexos, nos quais as construções religiosas não se apresentam de formas cristalizadas e imóveis (CAPONE, 2004). Em um terreiro Omolokô, na cidade de Juiz de Fora - MG, são observados trânsitos religiosos e identitários em diferentes esferas, a começar pela própria trajetória da chefe de terreiro. Aritana relata ter passado por diversas religiões ao longo de sua vida, dedicando-se, especialmente, à Umbanda e ao Candomblé. Segundo seus relatos, seus caminhos nas religiões afro-brasileiras começaram ainda na infância, acompanhando os percursos de sua mãe de sangue que, na época, liderava um centro de Umbanda. Já na vida adulta, fez o santo no Candomblé e permaneceu por alguns anos em um mesmo barracão. Aritana entende que a Umbanda é uma obrigação em sua vida, da qual não pode se desvincular. Por sua vez, no Candomblé se identificou e sentiu-se totalmente envolvida. Como uma resultante de sua trajetória, encontrou no Omolokô o ponto de convergência de seus caminhos, fundando em 2006 o seu próprio barracão. A mãe de santo explica que o seu terreiro não se trata de Umbanda, tampouco de Candomblé. Ali se vive o Omolokô, um terceiro caminho, que permite a confluência de ambas as tradições. Por outro lado, Nadi, médium de incorporação do mesmo terreiro, afirma que é candomblecista e diz não querer mais se recordar sobre seu passado na Umbanda. Já Liro, que na sua juventude esteve prestes a fundar seu próprio terreiro e hoje é médium de incorporação no barracão de Aritana, associa o Omolokô à 'Umbanda de raiz?', uma Umbanda onde prevalecem os aspectos africanos,



mais especificamente de Nação Angola, como ele mesmo explica. Diante dessas, e de outras narrativas, o presente work trata-se de uma reflexão sobre os dados iniciais da minha pesquisa de campo, que se encontra em curso e, por essa razão, não dispõe de resultados concluídos. O objetivo desta comunicação não é desvendar a origem do Omolokô, tampouco é abordar a vinculação ou não desse culto à religião umbandista ou candomblecista. A proposta aqui se consiste em pensar o Omolokô como uma ?teia? que costura diferentes fluxos, como um ?emaranhado de fios e caminhos? (INGOLD, 2011, p.148) de diferentes trajetórias de vida e diferentes concepções sobre a religião. Nesse mesmo eixo, cruzam-se as histórias de pessoas que vivem, em seus cotidianos, uma relação intrínseca com as entidades religiosas e que no barracão, junto aos Orixás, Pretos-Velhos e Caboclos, sustentam o axé do Omolokô. A partir dessas reflexões, proponho, portanto, uma partilha sobre os fluxos do meu caminhar entre terreiros de religiosidade afro-brasileira em Juiz de Fora e meu doutorado em Ciência da Religião.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: